

□ **ESPAÇO ABERTO**

Não vamos matar a galinha

AGOSTINHO TURBIAN

No momento em que toda a Nação discute as variáveis operacionais do plano de estabilização, setores importantes da economia nacional, por meio de seus executivos, discutem o futuro, quando os salários tiverem seus ganhos reais realinhados dentro do pensamento predominante do programa oficial, uma vez que o efeito será, sem dúvida, uma sociedade mais poderosa no âmbito do consumo e uma indústria mais obsoleta e sem condições de atender a essa demanda, agora não mais reprimida, mas acelerada.

O Brasil não vai mudar de lugar no continente. Nossa população, a sexta do mundo, deverá manter sua taxa de crescimento anual em torno de 2,1%. O setor terciário da economia registrou excelente desempenho nos últimos anos, aproximadamente 53% do PIB — isoladamente, o comércio tem 15% e os transportes e comunicação, cerca de 5%. Esse fato justifica nosso pensamento inicial de que esse importante setor deverá atingir um ponto delicado de escoamento dos insumos industriais, insuficientes, numa segunda fase do programa econômico.

O plano, sem dúvida, vai dar certo, até porque não restam alternativas às correntes políticas que poderiam tornar a votação das medidas provisórias inviáveis. O Congresso está com as mãos atadas. Os congressistas sabem, melhor que ninguém, da necessidade de se aprovar o plano, pois, num ano eleitoral em que o povo está experimentado pelas tentativas infrutíferas anteriores, só resta uma saída.

Quanto ao verdadeiro papel do Estado e do Congresso, manifesto minha insatisfação pelas medidas ainda não tomadas para reduzir o custo da máquina administrativa. Ambos estão se omitindo na redução do peso do Estado. O déficit público é tão ou mais importante que o aperto monetário. O governo precisa mostrar imediatamente à Nação o que vai reduzir, quando e quem vai gerenciar esse processo, doa a quem doer.

Não podemos mais aceitar essa coisa eleitoreira, vulgar e de baixo nível, que é empregar para obter votos. Os parlamentares nordes-

Precisamos de tempo para a reconstrução nacional

tinhas que me desculpem, mas o País está cansado e farto dessa levandade. A hora é de eficiência, produtividade, respeito, consciência nacional, dever de cidadania e cumprimento das leis — recentemente "mal" escritas. Mas são elas que devemos respeitar e cumprir. Se o déficit

público for atacado com a mesma intensidade com que o aperto fiscal nos atingiu, não tenho dúvidas em afirmar que o presidente concluirá as demais partes do plano com êxito, apoio e resignação nacional.

O espírito imediatista de ganhos irreais e ilegais deve ser suplantado pela política de livre mercado e apoio ao crescimento econômico nacional, de Norte a Sul. Os riscos da segunda fase do plano são, sem dúvida, maiores do que os desta que estamos passando. Ou seja, trocamos a tendência da hiperinflação pela hiperdepressão, e agora vamos passar pela tendência da hiper-recessão. Esta última não vai, seguramente, nos pegar, pois o País inteiro sabe das consequências dessa situação — até as oposições político-partidárias já se curvaram a esse temor.

Precisamos começar a pensar em décadas. O nada saudoso ex-presidente José Sarney, que o Maranhão o tenha, em cinco anos falou, falou, tentou, tentou e nada conseguiu. Até piorou alguns setores. Não é justo que nós, em menos de 30 dias, desejemos que o recém-empossado presidente consiga resolver um problema que tem mais de meio século. Mais importante ainda que as votações é a preocupação com a inflação da demanda, ou seja, ter fome e não ter o que comer, havendo dinheiro no bolso. Nós sabemos o que isso representa. Soluções ortodoxas vão ser aplicadas para conter essa inflação de demanda e, mais uma vez, o consumidor vai ter de pagar a conta, pois liberar as importações para conter o consumo arrastará o câmbio a patamares insuportáveis e incompatíveis com o mercado internacional.

Fomos anestesiados por décadas, agora precisamos de um tempo razoável para aquecer os músculos, arregaçar as mangas e começar a reconstrução nacional. Podemos até copiar o modelo adotado pelas multinacionais, como, por exemplo, Volkswagen e a Bosch, que, quando aqui chegaram, há 30 anos, encontraram um povo carente, destreinado, sem qualificação profissional, desnutrido, de migrantes em busca de novos horizontes e, até — porque não? — alimentação. O que as multinacionais fizeram? Investiram no homem, na família, no direito à assistência médica, em treinamento, alimentação, em condições decentes de trabalho e educação. Pagaram salários justos e, logicamente, fizeram de nosso País a oitava economia do mundo. Sem dúvida ganharam dinheiro. Por que será que deram certo?

Hoje, o capital estrangeiro é tratado como se estivesse roubando nosso dinheiro. Não vamos matar a galinha que bota os ovos para a omelete do nosso almoço. Vamos quebrar os ovos, que amanhã tem mais.

□ Agostinho Turbian é professor de Marketing da Universidade Paulista e Escola Superior de Administração de Negócios